

A sagração da luxúria, segundo Raul Leal

PALAVRAS-CHAVE: vertigem, luxúria, Espírito Santo, Deus-Satã.

KEYWORDS: Vertigo, lust, Holy Spirit, God-Satan.

Quando, em 1916, no seu exílio voluntário em Madrid e Toledo, Raul Leal se encontra na mais absoluta degradação física e moral, praticamente sem recursos económicos, são suas estas palavras, dirigidas, numa carta de Dezembro desse ano, a Fernando Pessoa:

E não calcula como foi gigantesca a criação estonteante do meu Espírito durante os meses de Agosto e Setembro contra a depressão enorme em que a miséria galopante me queria prostrar. Êle cada vez mais resplandeceu por sobre as Trevas apodrecidas da minha existência material! E à medida que Êle ilumina mais e mais a alma a minha vida se enterra cada vez mais num charco duma podridão ignominiosa... (Vasconcelos, 1996: 109-110)

Depois de descrever o modo como sofreu “três dias seguidos de fome absoluta precedidos de seis dum jejum rigorosíssimo” e os “horrores do frio e da neve” (devido à falta de agasalhos), Raul Leal continua a carta, fazendo sobressair como “O [seu] Espírito cada vez brilha mais mas através duma crescente decomposição de matéria e de vida” (*ibid.*: 111).

Raul Leal acredita absolutamente que o auto-sacrifício da carne é a “Prova Máxima” a que o seu Espírito se deverá submeter, para que, “vítima de Deus”, se possa tornar Deus. “De vítima sangrenta da Morte não me tornarei a própria Morte dominando a Vida?”, pergunta no final da carta, confessando não temer essa “Prova Máxima que mais Engrandecerá o [seu] Espírito, Infinitisando-o...” (*ibid.*: 114).

A necessidade deste sacrifício do corpo, para permitir a libertação do espírito, é assumida por Leal, por assim dizer, como se de um novo sacrifício crístico se tratasse. Ele está, de resto, em plena sintonia com essa “ambição estonteante de arrebatá-lo divinamente o Universo, de [se] sentir Tudo, de [se] sentir Deus” (*ibid.*: 105), de que fala numa outra carta, datada de Janeiro do mesmo ano, a Mário de Sá-Carneiro.

Na mesma carta, aliás, refere também o modo como, em breve, o seu corpo se cobriria de “farrapos sangrentos de seda e ouro” (*ibid.*: 104), apontando, significativamente, para

uma transfiguração ou transmutação alquímica da matéria vil, degradada, em “ouro”, no ouro do espírito.

É Aldous Huxley que afirma, a propósito da dança, que “é com os músculos que se obtém, com mais facilidade, o conhecimento divino” (Teixeira, 2009: 60). Raul Leal diria talvez que é com os músculos, com os nervos, com o corpo todo que se atinge, que se vê Deus, mas que é também através do uso excessivo das potencialidades sensuais dos músculos, dos nervos, do corpo todo, em Vertigem pura, que tal desiderato se concretiza.

A luxúria surge como a outra face do sacrifício, pois, no fundo, “a embriaguez, a orgia, o erotismo são os aspectos apreensíveis de um deus a quem uma vertigem em profundidade apaga as feições”, para usar as palavras de Georges Bataille (Bataille, 2012: 76), para quem também não existem dúvidas “de que a própria religião tem base subversiva; desvia do cumprimento das leis. Pelo menos, ordena o excesso, o sacrifício, a festa que tem como auge o êxtase” (*ibid.*: 74).

Por outras palavras e das mais variadas formas, muito antes de Bataille, Raul Leal o diz. Di-lo, por exemplo, no opúsculo *Sodoma Divinizada* (editado pela Olisipo de Fernando Pessoa, em 1923). Este é escrito, como se sabe, na sequência ou como peça da polémica que opõe o crítico literário Álvaro Maia, católico e conservador, a Fernando Pessoa e seu heterónimo Álvaro de Campos, que, nas páginas da revista *Contemporânea*, vêm em defesa de António Botto, acusado de obscenidade e pederastia. O artigo de Maia, “Literatura de Sodoma/O Sr. Fernando Pessoa e o ideal estético em Portugal” (*Contemporânea*, nº 4), mais não é do que um libelo contra o chamado “culto da bestialidade”, contra a ausência de racionalidade dos estetas, designados de “rebotalhos duma geração” e de românticos, os quais, “Como consequência lógica da subordinação da inteligência à sensibilidade”, possuem, diz Maia, “uma impressão obsediante de incompleto, de angustiosa solidão moral, de melancolia procurada, de excitação nervosa, de langores de erotismo” (Leal, 1989: 65).

Sodoma Divinizada constitui a resposta de Raul Leal, considerando aí que a racionalidade pretendida por Álvaro Maia mais não é do que a “Razão herética, filha da Serpente e do Anti-Cristo, [que] contraria o delírio da carne divinizada” (*ibid.*: 74) e a “vertigem luxuriosa” que preside à vida.

Para Leal, se Deus é o Infinito, “impor o Limitado como o impõe a sacrílega Razão, é negar Deus!” (*ibid.*: 75). Leal defende, sobretudo, a Vertigem como “a suprema imprecisão anti-racional ou antes, ultra-racional das cousas mergulhadas no infinito de Deus” (*ibid.*). A Vertigem – palavra-chave da obra raúlina - é sagrada, divina, no seu existir “berrante”, “bestial”. Na Luxúria, escreve Raul Leal, “existe a Besta e existe a Vertigem, delírio, loucura espiritual dos Céus. Portanto a Luxúria é Obra de Deus!” (*ibid.*)

Assim sendo, como diz também, “Só através de bestialidades puras se atinge o Sublime dos Céus”, como o comprovam “os êxtases misticamente luxuriosos dos ascetas” que “atingiram Deus através da Besta”, já que, insiste, “os espasmos da Luxúria em que há Carne-Espírito a vibrar indefinidamente, são obra suprema de Deus” (*ibid.*: 77).

A luxúria é, pois, um caminho para Deus. Já muito antes de *Sodoma Divinizada*, Raul Leal explora as suas possibilidades “teometafísicas”, para usar um adjectivo que lhe é muito caro.

Lembre-se que, em 1917, a revista *Portugal Futurista* – na qual Raul Leal colabora com um artigo dedicado à pintura vertigica de Guilherme de Santa-Rita, intitulado “L’Abstractionisme Futuriste / Divagation outrphilosophique-Vertige à propôs de l’oeuvre géniale de Santa Rita Pintor, Pintor, «Abstraction Congénitale Intuitive (Matière- Force)», la suprême réalisation du Futurisme” – publicara em tradução o *Manifesto Futurista da Luxúria*, de Valentine de Saint-Point (surgido em Janeiro de 1913). Aí se lê que a luxúria é uma força e a “expressão de um ser projectado para além de si próprio”, é “a synthese cerebral e sensual d’un ser para a maior conquista do seu próprio espírito”, é a busca “carnal do desconhecido”, e é também “o gesto de criar e é a própria Criação” (*ibid.*: 38). Por isso, diz Valentine de Saint-Point (também autora, em Março de 1912 de um controverso *Manifesto da Mulher Futurista*, em resposta à misoginia manifestada por F. T. Marinetti), “é preciso fazer da Luxúria uma obra de arte” (*ibid.*: 39).

É provável que Raul Leal tenha sido tocado por este texto. Indo embora numa outra direcção (menos terrena ou mais espiritual, ou não se considerasse Raul Leal a si próprio como um predestinado, um “Alto Enviado” de Deus-Satã, incumbido da “missão sublime” de ser o profeta da Idade Paracletiana do Espírito Santo), reconhece, em *Sodoma Divinizada*, que a Luxúria é, em muitos casos, “o paroxismo da Arte”, “sendo ela que com a sua acuidade genial descobre a beleza” e “o que há de divino em todos os aspectos da Existência” (Leal, 1989: 78).

A Luxúria é a via do excesso, do desregramento, do aniquilamento da Razão “sacrílega”¹, que, tal como o sacrifício do corpo, deixa o Espírito livre, fazendo irromper “o poder da imaginação delirantemente criadora” – expressão usada numa carta de Abril-Maio de 1959, a Jorge de Sena (Sena e Leal, 2010:108).

Dir-se-ia que Raul Leal faz de si próprio, da sua existência, uma obra de arte, bem mais poderosa e instigadora do que os seus poemas, gramaticalmente anómalos, em francês. E fá-lo porque todo o homem deve obrar em si “uma progressiva purificação”, sem a qual jamais se preparará para uma Morte Divina, divinizando-se, identificando-se com Deus-Satã (*ibid.*: 47-52, carta de 3 de Julho de 1957). Todo o homem deve, em suma, infinitizar-se, tornar-se participante do Universo, onde, “contrastogenicamente” (neologismo de Raul Leal), se unem os (aparentes) contrários, numa “fusão salvadora” (Leal, 1960: 185) – Luxúria-Espírito, Carne-Espírito, ou seja, Vida carnal sublimada, Luxúria-Carne espiritualizada, sacralizada, Céu-Inferno ou, enfim, Deus-Satã.

¹ No poema em francês, “Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit” (parte I de um livro inacabado, *Le Dernier Testament*), pode ler-se sobre a Razão que “Elle ne connait q’la Matière / Même lorsqu’ell’pense l’Esprit, / N’étant que la suprême Mère / D’la Vie concrète et définie; / Par son définisdme tout vide / Elle est toute limitatrice, / D’une vie fossilisée en rides/ Elle est la pur’génératrice!” (Leal, 1920: 11).

Desse Deus-Satã, nos fala abundantemente em *Sindicalismo Personalista, Plano de Salvação do Mundo*, obra de 1960, por cuja publicação batalhou durante anos², como já anteriormente, em *Antéchrist et la Gloire du Saint-Esprit, Hymne-Poème sacré*. Aí nos anuncia o acordar do Espírito (Santo) que dorme na Matéria, ou, se quisermos, a premência da Luxúria-Força que, “em Mort-Vertige se libère”, propiciando, nos seus espasmos, a loucura criadora universal³, a imersão na “essence pure de l’Univers” (Leal, 1920: 25), a transformação de “l’homme-Abîme en pur Dieu” (*ibid.*: 29).

Apresentando-se como precursor do Paracletianismo, Raul crê também que “Outra Igreja mais pura surgirá na Vida para que os homens em Vertigem se tornem Deus” (Leal, 1989: 118). Defende, por isso, uma Teocracia Universal cuja “alta missão” é “dar a cada ser a onipotência divina, pelo que ela gera também essencialmente a mais pura Anarquia” (*ibid.*).

Diga-se, em jeito de parêntesis, que, num texto existente no espólio de F. Pessoa, Raul Leal faz algumas profecias a seu próprio respeito, em Julho de 1917, apontando para Janeiro de 1918 (“isto déve coincidir talvez com o fim dâ guerra”, escreve, curiosamente, o profeta), por exemplo, o triunfo do espírito, que antecederia um período em que “vida exterior e vida do espírito em lugar de se contradizêrem continuar-se-hão *absolutamente* uma com a outra de modo que eu viverei como interior-exterior em si e pois *em oculto*: viverei então uma vida e um domínio verdadeiramente astral” (E3, 113P’-3). No entanto, só por volta dos seus 47 anos, em 1934, Raul Leal prevê algo de mais transcendente:

[...] conseguirei nã Morte tornar-me ultraintegralmente à Vertigem, tornar-me Deus. [...] Cômoo Deus inundarei o Mundo, do Mundo serei à atmosfera astral e astralisando assim do Além à Vida, à Morte erguerei à humanidade inteira!...

A Grande Aspiração do Precursôr, tornado ele próprio, Deus, realizar-se-há enfim em magnificência astral... (*ibid.*)

Deste modo, poderemos dizer, para finalizar, que em Raul Leal, e através das suas palavras excessivas, vertigicas, loucas, se opera, de certa forma, uma santificação ou sacralização da Vida e do Homem, assente na ideia enraizada de que a Imensidade, Deus, está em cada um de nós, da mesma maneira que cada um de nós está na Imensidade, em Deus, porque “Tudo é transcendente. [...] Tudo está no eu, o eu é transcendente, transcende o definido sem ser o nada o simplesmente indefinido e é por isso que a Razão Pura vae além da razão, da compreensão”, como escreve, já no ano longínquo de 1913, em *A Liberdade Transcendente*.

² Saliente-se que, nesta obra, Raul Leal propõe também uma “fusão salvadora” do fascismo e do comunismo.

³ “Não é o Universo uma viva reunião caótica e ao mesmo tempo sistemática (com uma razão lógica interior) de uma infinidade de aspectos convulsivos em Vertigem? Não há nele força, espasmos, delírios, prazeres, dores, luxúria, ância, poder, luz, trevas, humilhação, orgulho, vida e morte? E tudo isso, todos esses fantasmas da Vida, não surgem em grandeza colossal através do Mundo inteiro? e não surgem ainda labirinticamente espasmodicamente emaranhados uns através dos outros, formando um mundo autêntico de Vertigem Pura? Porque não vedes assim em tudo uma loucura universal?...” (Leal, 2007: 37-38).

Incompreensível, por vezes, é, sem dúvida, o discurso de Raul Leal, repetitivo, caótico, denso, utópico, mas não deixa de nos interpelar, de nos convidar a uma Existência-Eu, sob o signo da desmedida, da loucura (que, para o autor, é forçosamente divina), sem a qual não seremos mais do que “cadáveres adiados que procriam” (ou nem isso...).

Bibliografia

- BATAILLE, Georges (2009). *As Lágrimas de Eros*. Tradução e apresentação de Aníbal Fernandes. Lisboa: Sistema Solar.
- LEAL, Raul (1913). *A Liberdade Transcendente*. Separata da Introdução à obra de João Antunes. *A Hipnologia Transcendental*. Lisboa: Livraria Clássica Editora.
- (1920). *Le Dernier Testament, I. Antéchrist et la Gloire du Saint Esprit, Hymne Poème sacre*. Lisboa: Portugália Editora.
- (1960). *Sindicalismo Personalista: Plano de Salvação do Mundo*. Lisboa: Verbo.
- (1989). *Sodoma Divinizada*. Organização, introdução e cronologia de Aníbal Fernandes. Lisboa: Hiena Editora.
- (2007). *A Loucura Universal*. In PESSOA, Fernando. *O Caso Mental Português*. Almargem do Bispo: Padrões Culturais Editora.
- PESSOA, Fernando. *Espólio E3 da Biblioteca Nacional de Lisboa*.
- SENA, Jorge de e LEAL, Raul (2010). *Correspondência, 1957-1960*. Prefácio de José Augusto Seabra. Lisboa: Guerra & Paz.
- TEIXEIRA, Luís Filipe (2009). *Fernando Pessoa e a filosofia sanatorial*. Lisboa: Vega.
- VASCONCELOS, Mário Cesariny de (1996). *O Virgem Negra – Fernando Pessoa explicado às Criancinhas Naturais e Estrangeiras*. 2ª ed. Lisboa: Assírio & Alvim.

.....

RESUMO

Para Raul Leal, o sacrifício do corpo e a luxúria são duas formas vertiginosas e complementares de libertar o Espírito, vivenciando Deus-Satã. Este é o desígnio humano, assente na ideia de que a Imensidade (Deus) existe em cada um de nós, do mesmo modo que cada um de nós existe na Imensidade (em Deus).

ABSTRACT

For Raul Leal, lust and the sacrifice of the body are two complementary and vertiginous forms of freeing the Spirit and experiencing God-Satan. This is a human design, based on the idea that Immensity (God) exists in each one of us, as well as each one of us exists in Immensity (in God).

